

FOLIAS DE SAQUAREMA

DOIS ASPECTOS DA CULTURA POPULAR

Dulce Tupy



Saquarema – RJ
2022

UMA FOLIÃ EXEMPLAR

A Folia de Reis do Oriente, de Sampaio Corrêa, tem duas partes: uma antes da Dulce e outra depois da Dulce, quando tudo começou a acontecer pra gente, pra melhor! Teve a divulgação nos jornais; através dela nós ganhamos o Prêmio Humberto de Maracanã, um prêmio nacional de cultura; também através dela nós fomos representar Saquarema, junto com a Folia do Divino, num enredo da Escola de Samba Tradição que falava sobre Saquarema e a Região dos Lagos. Nós fomos no Sambódromo, no Rio de Janeiro, e desfilamos no Desfile Especial Iã.

Além disso, em muitas outras coisas ela nos ajudou, por exemplo nas fantasias para a Folia se apresentar. Nós fomos a Macuco, participar de um Encontro de Foliás, e ela sempre divulgou tudo no jornal. Isso fez a Folia crescer muito! Os arremates, no dia de São Sebastião, dia 20 de janeiro, ela ajudou muito! E sempre trazia a gente para Barra Nova, onde ela mora, fazendo apresentações nas casas dos amigos dela e todo mundo nos recebia com muito carinho, recebiam a gente com alegria...

E isso tudo hoje faz falta! A Folia não existe mais. Ela parou suas atividades há poucos anos e logo depois o mestre Boca de Velho faleceu. A Folia de Reis fez falta! Mas a Dulce continua aí sempre guerreira! Ela ajudou muito a Folia, como ajuda até hoje a quadrilha Asa Branca, que é uma pioneira na cultura de Saquarema.

Através dela a Folia de Reis cantou também na casa da saudosa Ana Maiolino, no Gravatá, onde fizemos um arremate lindo que ficou pra história! A Dulce é uma foliã exemplar; não temos o que reclamar. Tanto ela como seu esposo também, o amigo Edmilson, sempre presente, fazendo as melhores fotos...

Dulce e Edmilson são um casal que apoia muito a cultura popular de Saquarema. E foi assim com a Folia de Reis Estrela do Oriente, de Sampaio Corrêa. Assim continua sendo com a Quadrilha Asa Branca. E assim ficamos amigos para sempre.

João Campelo
Marcador da Quadrilha Asa Branca

A RESISTÊNCIA DAS FOLIAS

As Foliás de Saquarema, tanto a Folia de Reis como a Folia do Divino, são expressões da cultura popular imaterial do município, que preservam valores em suas existências. A Folia de Reis Estrela do Oriente, de Sampaio Corrêa, hoje já não existe mais, desde que seu mestre, o Boca de Velho, faleceu em maio de 2021. A Folia de Reis sobreviveu nos dois últimos anos através de sua memória, pois a maioria dos foliões já havia falecido sem deixar substitutos. A Folia do Divino resiste ao tempo desde o século XVIII. O "Império do Divino", situado na Praça Oscar Macedo Soares, foi doado por um fazendeiro rico de Saquarema; pode ser a construção mais antiga do município, embora ainda não tenha sido tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Nacional) e nem pelo INEPAC (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural) do Rio de Janeiro. Com apoio da Paróquia e da Irmandade de Nossa Senhora de Nazareth, a Festa do Divino Espírito Santo mantém até hoje a tradicional "Bênção da Mesa", ritual praticamente extinto em todo o Estado do Rio de Janeiro. Esse livro tenta resgatar as foliás saquaremenses, como símbolo de resistência cultural no município.

Dulce Tupy



FOLIAS DE SAQUAREMA

DOIS ASPECTOS DA CULTURA POPULAR

Dulce Tupy



TUPY
CULTURA

VOCÊ É UMA FOLIÃ

É muito importante o seu trabalho, porque devido ao seu trabalho a Folia do Divino de Saquarema está sendo reconhecida em vários lugares, no Estado do Rio de Janeiro e até fora dele. Esse seu trabalho vai longe! Então, essa é a importância de você continuar divulgando a Festa do Divino de Saquarema, que é uma tradição bem antiga, que completou 253 anos esse ano, 2022.

Eu acho fenomenal! Há mais ou menos 25 anos que eu te conheço e você vem sempre falando da Folia, batendo naquela mesma tecla de manter viva essa tradição, essa cultura da nossa cidade. Essa é a grande importância do seu trabalho. É muito importante pra gente manter a Folia, porque a dificuldade é muito grande.

Hoje a gente vê que tem mais apoio. Esse ano a Secretaria de Cultura de Saquarema teve um papel muito importante na Folia do Divino. O próprio secretário de Cultura, Manoel Vieira, veio falar comigo sobre a possibilidade de fazer uma oficina sobre a Folia, pra não deixar acabar a tradição. Então eu vejo a importância do seu trabalho na divulgação. A gente tem a festa mas se não tiver divulgação a festa fica apagada. Eu vejo a importância e agradeço.

Tenho 42 anos de folia e vejo a divulgação que você faz da Folia do Divino e também da Folia de Reis. Eu vi o quanto você batalhou para ajudar a Folia de Reis, mas infelizmente a Folia de Reis acabou! Eu lembro de tudo isso. Então, enquanto Deus permitir a gente vai levando... A Folia faz parte da história do município.

A Folia do Divino é a mais antiga em Saquarema. Ano passado estive em Búzios para falar da nossa Folia do Divino, onde conheci também a Folia de Santa Catarina, que tem mais de 100 anos. Mas a nossa Folia é mais antiga. Tem registro na igreja. A Irmandade de Nossa Senhora de Nazareth tem o registro do início dos festejos do Divino em Saquarema, que é de 1769.

E você, Dulce, é como se fosse uma participante da Folia; você está sempre ali, divulgando, batalhando pela folia, publicando reportagens nos jornais. Você é uma foliã! E eu peço a Deus que você tenha muita vida, saúde, e que mantenha você por muito tempo aqui com a gente.

Jorginho da Bandeira
Percussionista, cantor e folião do Divino

Copyright@Dulce Tupy.
Todos os direitos reservados.

FOLIAS DE SAQUAREMA

DOIS ASPECTOS DA CULTURA POPULAR

Edição: Dulce Tupy.

Produção: Tupy Comunicações.

Design: Thadeu Moraes.

Diagramação: Thadeu Moraes e Ronan Conde.

Fotos: Edimilson Soares, Paulo Lulo, Agnelo Quintela e Lia Caldas.

E-mail: dulcetupy@gmail.com

Celular: (22) 99964 7441

**A MEU MARIDO, EDIMILSON SOARES,
COMPANHEIRO DE MUITAS JORNADAS,
FOTOGRAFANDO AS FOLIAS DE SAQUAREMA.**

A MINHA FILHA LIA, INSPIRAÇÃO.

A MINHA IRMÃ LYGIA, CORAÇÃO.

APRESENTAÇÃO

Beatriz Dutra*

Informa, sensibiliza, emociona e seduz este belo “Folias de Saquarema, dois aspectos da cultura popular”, escrito pela jornalista, escritora e pesquisadora de cultura popular, DULCE TUPY.

O texto trata de duas manifestações que integram o patrimônio cultural e imaterial do Município de Saquarema, pela lei 1.021, de 29 de outubro de 2009: a “FOLIA DE REIS” e a “FOLIA DO DIVINO”. A primeira, “um auto de Natal”, e a segunda, “um louvor ao Divino Espírito Santo”.

E pelas mãos competentes e sensíveis da autora, vamos percorrendo o itinerário, não apenas das origens das duas “Folias”, mas a história, evolução e dificuldades para permanecerem no tempo... E a história das “Folias” confunde-se com as próprias histórias de Saquarema e do Brasil.... Pois as duas “FOLIAS” são “elementos da cultura tradicional religiosa, católicas, originárias da Península Ibérica, trazidas pelos portugueses no período colonial, que aqui sofreram influências, tanto africanas como indígenas”, informa a autora.

E seguindo em silêncio a leitura do texto, entrelaçam-se razão e emoção, e estabelece-se o encontro encantado entre duas almas: a do leitor e a da autora, em perfeita comunhão – o que Clarice Lispector chamaria de “estado agudo de felicidade”.

Bravíssimo, Dulce Tupy!

***Beatriz Dutra - Presidente da Academia de Letras Rio-Cidade Maravilhosa, é poeta, tem quatro livros publicados, co-autora de “Mônadas”, com José ..., autora de “Simplicidade”, “Suavidade” e “Meus poemas mais amados”. Premiada no Brasil e no exterior, em países europeus: França, Portugal e Itália; cronista do jornal O SAQUÁ, de Saquarema, e do jornal literário SEM FRONTEIRAS, já tem no prelo o seu próximo livro “Minhas crônicas mais amadas”, editado pela Tupy Comunicações.**

PREFÁCIO

Lina Malheiros Barcellos*

O livro “Folias de Saquarema: dois aspectos da cultura popular”, cuja autora - Dulce Tupy - me deu a honra de poder participar prefaciando-o, teve em vista ser eu, como é do seu próprio conhecimento, uma apegada às tradições populares relacionadas à religiosidade da Igreja Católica Apostólica Romana, pelo fato de ter convidado a antiga Folia de Reis do Mestre André, de Sampaio Corrêa, para uma festa de folclore organizada no Colégio Araruama, na época em que eu lecionava Português e Literatura. Consegui que o filho dele aceitasse o convite e foram recebidos com toda a pompa e ritual inerentes à tradição.

A divulgação deste e-book é de suma importância para a preservação de todas as tradições já existentes em Saquarema. Quanto à Capela de Santa Edwiges, já existia uma em Barra Nova, onde se apresentou a Folia de Reis Estrela Dalva do Oriente, do Mestre Boca de Velho, mas há outra construída posteriormente, no bairro do Guarani, no município de Saquarema, num dos bairros que não tinha possibilidade de ser agraciado com uma Capela da Santa padroeira dos pobres e endividados e conciliadora das famílias, construída com a ajuda da Lotus Propaganda, na pessoa do Sr. José de Arimathéa Lelis, católicos e autoridades locais.

“Folias de Saquarema: dois aspectos da cultura popular” precisa ser divulgado para o conhecimento das gerações deste século e como um acervo de tradições da Cultura Popular de Saquarema.

***Lina Malheiros Barcellos - Professora de Português, Inglês e Literatura, pós-graduada em Psicopedagogia, foi fundadora da Biblioteca da Escola Estadual Oliveira Viana. É vice-presidente da Academia Saquaremense de Letras, membro da Academia de Artes, Ciências e Letras de Iguaba Grande e da Academia de Letras Rio-Cidade Maravilhosa. Coordenadora do Círculo Artístico Cultural de Saquarema (CACs), é co-autora do livro “Alberto de Oliveira, o Poeta de Saquarema”, com o poeta Antonio Francisco Alves Neto (Chico Peres) e autora do livro “Versos e Emoções”, ambos editados pela Tupy Comunicações.**

INTRODUÇÃO: A MAGIA DAS FOLIAS



Dulce Tupy*



Encontro da Folia do Divino e da Folia de Reis em Ssquarema

Esse livro nasceu quando vi pela primeira vez as folias de Ssquarema: primeiro a procissão da Folia do Divino, no centro de Ssquarema e, mais tarde, a Folia de Reis Estrela Dalva do Oriente, em Sampaio Corrêa. Encantada com o batuque, que me atrai em todos os sentidos, e com os cânticos originários de tempos remotos, encontrei nas folias verdadeiras manifestações religiosas populares em risco de extinção.

Quase sempre as culturas modernas vão enterrando as culturas tradicionais, eliminando traços fundamentais da formação da cultura brasileira que permanecem, no entanto, como fatores de resistência. É uma força que resiste e se renova a cada apresentação da cultura popular, ultrapassando os anos, décadas e séculos, e se mantendo a cada geração, até desaparecer e ser extinta definitivamente na poeira dos tempos...

Assim é com as folias de Ssquarema. A Folia do Divino, cujo primeiro registro oficial é de 1769, quando foi construído o Império do Divino, nas margens da Lagoa de Ssquarema, numa época em que nem havia a cidade, apenas um vilarejo, em frente à atual Praça Oscar de Macedo Soares também conhecida como Praça do Artesanato. Doado pelo rico fazendeiro Tomáz Cotrin de Carvalho, o "Império" continua existindo, até hoje, graças ao apoio da Irmandade de Nossa Senhora de Nazareth que o mantém em pé, apesar das muitas tentativas de demolição. E, principalmente, graças à garra e à fé dos foliões.

Já a Folia de Reis Estrela do Oriente acabou – desapareceu - devido ao desamparo das autoridades municipais que raramente privilegiaram a cultura religiosa no município, com raríssimas exceções, como ocorre com o Círio de Nazareth. A Folia de Reis parou suas atividades em 2019, quando grande parte de seus foliões já haviam falecido sem que surgissem novos foliões, de preferência jovens que pudessem manter a tradição. Totalmente desamparado pelo poder público, o mestre da Folia Estrela do Oriente, Boca de Velho, morreu no início de 2021. A notícia que se tem é que só restaram da antiga folia dois foliões ainda vivos em Sampaio Corrêa.

Um pouco dessa trajetória é narrada no artigo “Folias de Saquarema: dois aspectos da cultura popular”, que elaborei como Trabalho de Conclusão do Curso de Formação de Gestores Públicos e Agentes Culturais do PADEC (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Cultural dos Municípios), realizado em 2015 pela Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa (SECEC), na gestão da então secretária Eva Doris. Tendo sido selecionado entre os 15 melhores trabalhos apresentados entre cerca de uma centena de alunos, fui selecionada para participar de outro curso mais avançado: Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Pública e Agenciamento Cultural, também promovido pela SECEC em parceria com a Fundação CECIERJ (Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro), com a Secretaria Nacional de Cultura e outras instituições.

Então, esse é o texto original que, primeiramente, virou um e-book, por força das circunstâncias planetárias, porque ninguém poderia imaginar a pandemia que vivemos atualmente. Foi impossível fazer uma edição impressa devido aos altos valores cobrados pelas gráficas cujos orçamentos do papel e tinta são baseados em dólares... Outra observação necessária é quanto ao tempo verbal do texto escrito em 2015 e que, para manter a sua integridade, mantive na forma original. Se fosse alterar os tempos verbais, talvez tivesse que reescrever todo o artigo! Essa opção não diminui em nada o conteúdo.

Devo lembrar que, em 2008, a Folia de Reis Estrela do Oriente ganhou o Prêmio Culturas Populares Humberto de Maracanã, na categoria Grupos Tradicionais Informais, da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura. Em seguida, a Tupy Comunicações - que edita livros e o jornal O Saquá, em Saquarema - produziu um folder sobre a Folia de Reis Estrela do Oriente, com designer da artista plástica Lia Caldas, que ajudou bastante a preservar a folia.

A cobertura jornalística das apresentações da Folia de Reis e da Folia do Divino sempre tiveram a cobertura dos fotógrafos que ao longo dos anos registraram as duas manifestações da cultura imaterial de Saquarema: Edimilson Soares, Paulo Lulo, Agnelo Quintela e Lia Caldas.

Serei eternamente grata a eles por terem colaborado com esse sonho meu! Essa foi uma forma de preservar as folias de Saquarema, as duas folias que representam a área rural, Folia de Reis, e a área urbana do município, a Folia do Divino.

A Folia de Reis Estrela do Oriente surgiu e se manteve atuante desde o início do século XX, tendo como sede o distrito de Sampaio Corrêa, antiga Zona Rural de Saquarema. Há registros inclusive de que a antiga Folias de Reis de Mestre André, anterior a de Mestre Boca de Velho, se apresentava na igreja de Nossa Senhora da Conceição, nas casas e até na Estação do Trem, na época dos festejos natalinos.

Já a Folia do Divino é bem mais antiga e permanece até hoje. Nasceu no século XVII, no centro do município, em Saquarema, embalada pelos costumes religiosos preservados pela igreja católica. A Folia do Divino sobreviveu graças ao apoio da igreja, da Paróquia, da Irmandade Nossa Senhora de Nazareth, além dos devotos e foliões.

Ambas as folias foram consideradas Patrimônio Imaterial de Saquarema, pela Lei 1.021, de 29 de outubro de 2009, assim como a Festa de Nossa Senhora de Nazareth, por proposição do então vereador Rafael Pinheiro. Originária de Portugal e difundida nas colônias portuguesas, África, Ásia e Brasil, a Folia do Divino mantém ainda hoje adereços doados pelos ricos fazendeiros locais, entre eles o Barão de Saquarema.

Além do calendário religioso habitual, as duas folias participaram do Desfile Especial das Escolas de Samba, no Sambódromo, no carnaval do Rio de Janeiro, na Escola de Samba Tradição, cujo enredo era “Saquarema, princesinha do litoral”. Hoje, após o desaparecimento da Folia de Reis de Sampaio Corrêa, só resta a Folia do Divino, graças ao empenho de seus foliões e ao apoio da Paróquia e da Irmandade Nossa Senhora de Nazareth.

Ao receber o Prêmio Alberto de Oliveira 2020, da Secretaria Municipal de Cultura de Saquarema, no âmbito da Lei Aldir Blanc, o livro “Folias de Saquarema: dois aspectos da Cultura Popular”, ganhou um relevo extraordinário, resultando numa primeira versão digital, um e-book publicado no site da Prefeitura Municipal de Saquarema e no da Tupy Comunicações. Assim, qualquer leitor de Saquarema, do Rio de Janeiro, do Brasil ou do mundo poderá acessar esse pequeno ensaio literário, com algumas ilustrações e muitas fotografias.

É uma forma de devolver a Saquarema toda a vida que vivi aqui nos últimos 30 anos, desde que eu e meu companheiro, Edimilson Soares, resolvemos deixar o Rio de Janeiro, onde morávamos, e partir para uma vida mais calma e mais atraente, em todos os sentidos, numa cidade pequena. Morando em frente à Praia de Saquarema, em Barra Nova, nos deslumbramos com o mar, o pôr do sol e a restinga, com seus múltiplos tons de verde, flores e toda sua biodiversidade.

Agradeço aos foliões que me proporcionaram o espetáculo das folias, especialmente a João Campelo, marcador de quadrilhas, que me abriu

a porta da Folia de Reis, em Sampaio Corrêa. E ao Jorginho da Bandeira, que como o nome diz é o portador mor dessa tradição no município: a Folia do Divino! A todos que colaboraram direta ou indiretamente com a minha pesquisa, a todos e todas que me ajudaram no sentido de desvendar a magia dessas manifestações populares, meu muito obrigada.

Agradeço ainda o desempenho do diagramador Ronan Conde e do designer Thadeu Moraes. Agradeço ao mestre Boca de Velho, a maior referência cultural do município que manteve a Folia de Reis por quase 50 anos, sem nenhum patrocínio. Agradeço a Dolores de Barra Nova que abriu sua casa várias vezes para apresentações da Folia de Reis. Agradeço à família do poeta, pescador e seresteiro José Bandeira, na pessoa de sua filha Maria José e sua neta Alessandra, pela manutenção do ritual da benção da farinha, na Folia do Divino.

E, finalmente, agradeço ao povo de Saquarema que tão bem me recebeu neste município de costumes tão tradicionais, como as folias, muitas vezes fechados para os visitantes e turistas que não sabem do grande valor que esses costumes têm para os seus moradores, principalmente os mais antigos. Agradeço ainda ao colega e amigo jornalista Silênio Vignoli, que muitas vezes me orientou nos meandros da pesquisa, sempre que eu não sabia para onde ir, ele que herdou de seus pais a paixão pelas festas religiosas de Saquarema, que eu me acostumei a amar também.

Por tudo isso eu digo: obrigada! E ofereço aos leitores o pouco que aprendi com a magia das folias e com os foliões, herdeiros dessa cultura ancestral, histórica, que sobreviveu em Saquarema, apesar de extinta em vários municípios vizinhos e em várias partes do país.

***Dulce Tupy - Jornalista, pesquisadora de cultura popular e crítica musical, com atuação em vários órgãos de imprensa em São Paulo e Rio de Janeiro, é autora do livro Carnavais de Guerra, o nacionalismo no samba (ASB Editora, Rio de Janeiro, 1985), resultado de uma bolsa de pesquisa da Funarte, em 1977. Em 1980 e 81, visitou Angola onde pesquisou as origens do samba, que resultou numa exposição sobre o Carnaval Angolano no Museu da Imagem e do Som, no Rio, também em Brasília, Belo Horizonte e São Paulo. Estudante de Belas Artes na antiga ENBA, hoje EBA/UFRJ, estudou Literatura (Português/Espanhol) e Comunicação/Jornalismo na USP. No carnaval carioca, atuou como julgadora por vários anos no desfile das escolas de samba do Grupo Especial, no Sambódromo, tendo sido uma das fundadoras do Museu do Carnaval, onde trabalhou como pesquisadora, nos anos 80, ocupando também o cargo de Conselheira, na cadeira Eneida de Moraes. Nos anos 90, foi colaboradora do Museu da Cidade e, posteriormente, diretora do Museu Carmen Miranda, no Aterro do Flamengo. Moradora de Saquarema, há cerca de 30 anos, edita o jornal mensal O SAQUÁ e os sites osaqua.com.br e tupycomunica.com, além de ter editado mais de 15 livros pela TUPY Comunicações.**

FOLIAS DE SAQUAREMA

DOIS ASPECTOS DA CULTURA POPULAR

Resumo

O artigo “Folias de Saquarema, dois aspectos da cultura popular” aborda duas manifestações do patrimônio imaterial - a Folia de Reis e a Folia do Divino - que resistem até hoje, mas que correm o risco de desaparecer, tendo em vista a redução do número dos foliões e as dificuldades que enfrentam. A atual fase das Folias de Saquarema reflete o que restou do tempo em que eram grandes manifestações da religiosidade popular local, mobilizando centenas de foliões no município. Os instrumentos deste estudo foram a pesquisa bibliográfica e depoimentos com foliões. A Folia de Reis é um auto de Natal; já a Folia do Divino é um louvor ao Divino Espírito Santo. A Folia de Reis Estrela do Oriente nasceu e hoje sobrevive no distrito de Sampaio Corrêa, antigo distrito rural. A Folia do Divino ocorre no centro de Saquarema. Promovida pela Irmandade de Nossa Senhora de Nazareth, a Procissão do Divino manteve uma tradição que quase desapareceu: a “Benção da Farinha”.

Palavras-chave: Saquarema; folias; cultura popular; tradição



As Folias de Saquarema, a Folia de Reis e a Folia do Divino, são elementos da cultura tradicional religiosa, católica, originárias da Península Ibérica, trazidas pelos portugueses no período colonial, que aqui sofreram influências de outras procedências, tanto africanas como indígenas. Reconhecidas pela comunidade e Poder Público Municipal, as folias foram consideradas Patrimônio Cultural e Imaterial do Município de Saquarema, através da Lei nº 1.021, de 29 de outubro de 2009. Além da Folia de Reis, que surgiu no início do século XX, e da Folia do Divino Espírito Santo, que data de 1769, a lei contemplou mais uma manifestação religiosa tradicional: a Festa de Nossa Senhora de Nazareth, considerado o primeiro Círio de Nazareth do Brasil, de 1630, mais antigo que o Círio de Nazareth de Belém do Pará. Legítimas representantes da cultura popular, as folias de Saquarema vivem realidades diferentes, embora ambas - a Folia do Divino e a Folia de Reis - estiveram ameaçadas de extinção.



Foto: Edmilson Soares



Folia de Reis “Estrela do Oriente”, de Sampaio Correia, em Saquarema



Foto: Paulo Lulo



Folia do Divino na escadaria da igreja de Nossa Senhora de Nazareth

Foto: Agnelo Quintela



Círio de Nossa Senhora de Nazareth de Saquarema



Inicialmente, Saquarema foi um aldeamento indígena Tupinambá, massacrado e expulso do território no triste episódio da Guerra dos Tamoios, no século XVI. Habitada por pescadores no século XVII, tornou-se próspera a partir do século XVIII e sobretudo no século XIX, com o ciclo do café, no Segundo Reinado, quando os conservadores passaram a ser chamados de “saquaremas” em oposição aos liberais “luzias”, em todo o Brasil¹.



Tupinambás, Século XVI

Porém, com a expansão da produção cafeeira para o Sul Fluminense, através do Vale do Paraíba, Saquarema deixou de ser a influente Vila cafeeira que chegou a dar nome aos poderosos membros do Partido Conservador, mas manteve uma significativa produção agrícola. No final do século XIX, a inauguração da Estrada de Ferro Maricá e seu prolongamento no início do século XX originaram as estações de Sampaio Corrêa e Bacaxá, transformando Saquarema em pólo comercial da região, principalmente na venda de açúcar. Durante cerca de 50 anos, de 1930 ao início dos anos 70, a Usina Santa Luzia, sob a administração do senador Durval Cruz, industrializou açúcar para exportação e, em menor escala, melaço e cachaça, empregando milhares de pessoas no distrito de Sampaio Corrêa, onde surgiu a Folia de Reis Estrela Dalva do Oriente.

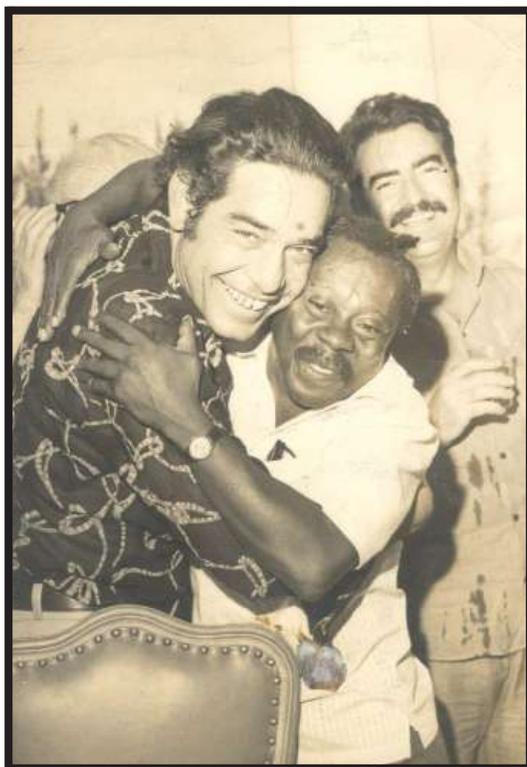


Usina Santa Luzia em Sampaio Correa



Estação de trem de Sampaio Correa

A Usina chegou a ter uma ferrovia própria que nas grandes safras atuava em parceria com a Estrada de Ferro Maricá. Segundo depoimento do chefe da estação de Sampaio Corrêa, Sotero Luiz, pai do jornalista Célio Pimentel, autor do livro *Estada de Ferro Maricá*, cerca de 24 vagões eram emprestados para transportar de 20 a 30 toneladas de açúcar em cada vagão, com destino a Niterói. Em depoimento ao filho, o pai revela: “Depois de um dia de trabalho, íamos ver o Caxambu e, na época certa, os ensaios da Folia de Reis, que tinha como o seu mestre o senhor André”². Nos anos 60 e 70, Saquarema viveu o auge da produção da Usina Santa Luzia, quando chegou a empregar cerca de quatro mil trabalhadores e a produção açucareira atingiu a cifra de 300 toneladas, um volume só superado por uma Usina de Campos dos Goitacazes, no Norte Fluminense. Para comemorar a safra, o proprietário convidou a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense para uma apresentação na fazenda. Segundo depoimentos colhidos em Sampaio Corrêa, vieram também sambistas do Salgueiro e o ator Grande Otelo³.



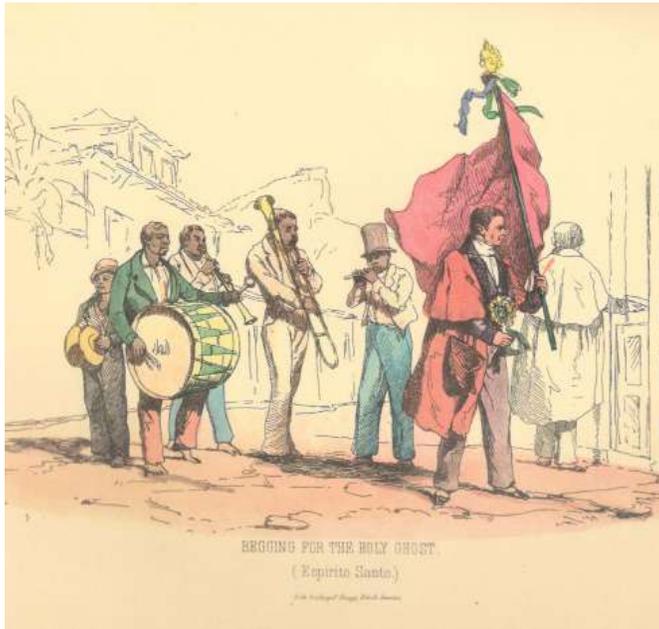
O herdeiro da usina, Durvalzinho, abraçando o célebre ator Grande Otelo, em Saquarema

A inauguração da Ponte Rio-Niterói trouxe novos elementos culturais que se agregaram ao processo de desenvolvimento de Saquarema - assim como de outros municípios da Região dos Lagos - que vinham sendo descobertos por artistas, veranistas, surfistas e, agora, até por sambistas. Mas, ao contrário dos demais municípios da região, que praticamente perderam suas manifestações culturais tradicionais, Saquarema manteve a Festa de Nazareth, comemorada desde que a santa foi encontrada por pescadores nas pedras do penhasco em frente ao mar. E preservou as suas duas folias, a Folia do Divino, no outono/inverno, e a Folia de Reis, no verão, com um público fiel, embora em número cada vez mais reduzido de foliões.

Trazidas para o Brasil pelos colonizadores ibéricos, segundo o folclorista Affonso Furtado da Silva, as folias de reis eram usadas pelos jesuítas “sob forma de canto, dança e representação, no processo de catequese e ensino dos nativos e dos próprios colonos vindos de Portugal” ⁴. A Folia de Reis conta a história do nascimento de Jesus e a chegada dos Reis Magos, guiados pela Estrela Dalva até Belém. Já a Folia do Divino louva o Divino Espírito Santo, que faz parte da trindade do catolicismo: Pai, Filho e Espírito Santo.

Antigos registros das folias no Brasil estão presentes nos relatos de viajantes que estiveram no país no século XIX, como o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, que em dois de seus livros - Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás - descreveu as Folias do Divino que encontrou entre 1817 e 1822 ⁵. Em 1828, a expedição do alemão Ivanovitch Langsdorff registrou em aquarela um grupo de foliões do Divino, em Diamantino, na província de Mato Grosso. Com o título “Bandeira do Divino”, a cena retrata um grupo que pede oferenda para o Divino, com três brancos e três negros. “Um carrega a salva de prata e a bandeira do Divino, um toca viola e outro toca tambor”, escreveu em carta Hercules Florence, membro da Expedição Langsdorff ⁶.

No final do século XIX, o álbum Brazilian Souvenir, publicado pela oficina de litografia Ludwig and Briggs, no Rio de Janeiro, traz uma ilustração com o título “Pedindo para o Espírito Santo”, com seis foliões, em primeiro plano, e um sétimo na porta de uma casa, buscando donativos.



Folia do Divino, século XIX, litografia Ludwig and Briggs

O primeiro folião, branco, veste uma capa vermelha e porta a bandeira do Divino. Outros cinco foliões, negros, tocam os instrumentos: zabumba, pratos, clarinete, flauta e uma espécie de trombone primitivo⁷. Todas as Foliias do Divino no Brasil se remetem a estes grupos tradicionais. Se a Folia do Divino faz parte do ciclo de festas do solstício de inverno, numa data móvel do calendário cristão, o Pentecostes - comemorado depois da Páscoa - a Folia de Reis é uma festa de verão que geralmente começa no dia 24 de dezembro, no Natal, quando se comemora o nascimento de Jesus, e se encerra no dia 6 de janeiro, Dia dos Santos Reis, quando segundo a tradição católica os três reis magos chegaram à manjedoura, trazendo presentes para o menino-deus.

No Rio de Janeiro, os festejos de reis podem se prolongar até o dia 20 de janeiro, Dia de São Sebastião, comemorado em todo o estado por ser o padroeiro da antiga capital do Império, mais tarde capital da República.

Porém, os cantos são diferentes. Como reza a tradição, até o dia 6 de janeiro, data em que os três Reis Magos chegaram a Belém, a Folia de Reis canta o nascimento de Jesus, peregrinando de casa em casa. O “giro” da folia continua, com cantos em louvação a São Sebastião, até o dia 20 de janeiro, quando os festejos se encerram com um “remate”, um jantar na comunidade, simbolizando a santa ceia.



Benção da mesa no arremate da Folia de Reis



Igreja N. Sra. da Conceição, em Sampaio Correa

Praticada em Sampaio Corrêa desde o início do século XX, a Folia de Reis costumava sair todos os anos de dentro da igreja de Nossa Senhora da Conceição, durante a Missa do Galo, no Natal. Era no tempo do mestre André, que trouxe o costume da Folia de Reis da cidade de Mimoso, no Espírito Santo, onde nasceu. Porém, já na época do mestre Boca de Velho, que sucedeu mestre André, um padre, que substituiu o saudoso padre Manuel, considerou uma transgressão à Missa do Galo os cânticos dos foliões, com seus instrumentos e tambores dentro da igreja, além de questionar a figura “diabólica” do palhaço.

Os palhaços das folias podem ser identificados com os soldados de Herodes, na busca para matar o filho de Deus que havia nascido. Antigos foliões contam que a partir daí - meados dos anos 80 - a folia foi impedida de cantar na igreja. Aos poucos, os foliões foram se recolhendo ao bairro da Basiléia, na periferia de Sampaio Corrêa, onde moram até hoje em suas pequenas casas ⁸. É de lá que eles partem para sua jornada, saindo da casa do mestre Boca de Velho, que construiu um pequeno altar em uma salinha na entrada de sua própria casa, onde guarda os instrumentos e a bandeira da folia.

Algo semelhante ocorreu com a Folia do Divino que, com seu tambor secular, acompanha a Procissão do Divino, com o Imperador-Menino e seu séquito de princesas, coroa e salva (bandeja) de prata e a bandeira. Aqui também houve a influência de um padre que não apreciava os cânticos que lhe soavam profanos. O padre também questionava a “Benção da Farinha”, considerada um rito pagão, porque feita pelos próprios foliões ⁹.

Foto: Edmilson Soares



Folia de Reis Estrela Dalva do Oriente na capelinha erguida na casa do Mestre Boca de Velho, na Basiléia, em Sampaio Corrêa



Folia de Reis em Barra Nova

Portanto, sem o apoio direto da igreja, tanto a Folia de Reis como a Folia do Divino, foram perdendo espaço, prestígio e importância cultural no município. Por outro lado, novas influências culturais começaram a atingir a cidade, depois da inauguração da Ponte Rio-Niterói, em 1974.

Squarema se transformava no paraíso dos surfistas que aqui chegaram no final dos anos 60, trazendo o novo esporte que já era praticado na Praia do Arpoador, no Rio. Por outro lado, a atriz Brigitte Bardot, musa do cinema francês, já havia descoberto o pequeno balneário de Búzios, no final dos anos 60, tornando a Região dos Lagos conhecida mundialmente. E, no início dos anos 80, o escritor e crítico de artes plásticas Walmir Ayalla veio morar em Squarema, sacudindo a cidade com sua irreverência cultural, legando seu nome para a atual Casa da Cultura.

De antiga Vila de Pescadores, com população de caiçaras no século XVII, e de próspera Vila de agricultores no século XVIII, Squarema havia se transformado em grande produtora de café no século XIX, tempo dos barões do café, tornando-se em meados do século XX na segunda maior produtora de açúcar do estado do Rio de Janeiro. Depois da ponte Rio-Niterói, Squarema foi descoberta também pelos pecuaristas.

Em dezembro de 1974, a S.A. Agrícola Santa Luíza, foi a principal patrocinadora da revista paulista A.P.B. (Agricultura e Pecuária Brasileira) que se definia como “uma revista a serviço da classe rural”. Matriculada

no Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado de São Paulo, trazia em seu número 1 uma reportagem de 18 páginas com o título: “Saquarema ganha nova atração: a Cidade do Boi”, onde uma foto exibia o colunista social Ibrahim Sued, então diretor de Relações Públicas e Planejamento Turístico da Fazenda Santa Luíza, ao lado do proprietário Durval Cruz Filho, herdeiro do senador Durval Cruz.

O projeto era grandioso: um parque de exposição, espaço para rodeio, churrascaria, motel, piscina, cavalos de passeio, deck para barcos e outros confortos para o turismo em geral. Com 80 milhões de metros quadrados, a Fazenda Santa Luíza abrigava 1.300 animais “em sua maioria importados diretamente da Índia, que agora restringiu drasticamente a exportação de animais de pedigree, o que ainda mais valoriza o plantel dos Irmãos Cruz”, informava a reportagem. Em seguida, destacava a ‘Cidade do Boi’: “plantada (...) quase ao lado das areias de Copacabana (...) a apenas uma hora do Rio, pela ponte Rio-Niterói, a vinte minutos de Araruama e cinquenta minutos de Cabo Frio e ponta dos Búzios” ¹⁰.

APB
Associação Paulista de Jornais e Revistas

FÉRIAS DE FAZENDEIRO...

...Devem ser na Região dos Lagos, a 50 Minutos da "PONTE RIO-NITERÓI"

SAQUAREMA GANHA NOVA ATRAÇÃO: a "Cidade do Boi"

A uma hora do Rio, surge um grande complexo turístico

... E, SIMULTANEAMENTE, A FAZENDA SANTA LUÍZA APRESENTA SEU PLANTEL DE CAMPEÕES

A FAZENDA SANTA LUÍZA, de propriedade de S.A. Agrícola Santa Luíza em Teresopolis, Estado do Rio, é uma das melhores organizações agrícolas do país, que desde há muito se tem dedicado ao cultivo tradicional, não só de seus terrenos.

Essa consideração, sem ignorar o valor de seu plantel de gado e aves, se traduziu, cada vez mais, por um estilo de sua economia, ao lado da cultura e do comércio, que nos últimos anos tem excepcional destaque.

Na "cidade paulista", há, além, claro, de instalações modernas, confortáveis e bem planejadas.

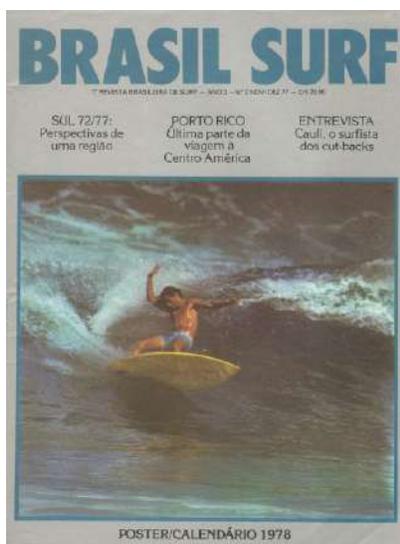
Revista São Paulo, diretor de Relações Públicas e Planejamento: "Ibrahim Sued, diretor de Relações Públicas e Planejamento: "Durval Cruz Filho, herdeiro do senador Durval Cruz Filho - apresentando ao jornalista Ibrahim Sued o plano da Fazenda Santa Luíza.

Revista paulista anunciando a “Cidade do Boi” em Sampaio Correa

Por outro lado, surfistas vinham do Rio de Janeiro, ocupando aquela que seria a futura “Capital do Surf”, promovendo campeonatos de surfe e festivais de rock na Praia de Itaúna. Junto com a contracultura trazida pelos surfistas, roqueiros e hippies, chegaram os artesãos, que mantêm até hoje uma feira de artesanato na principal praça da cidade. Adeptos do amor livre, os jovens hippies, influenciados pela cultura pop mundial, tomavam banho de mar nus e traziam novas formas de interação social, em contraste com a população nativa. Os chamados “minhocas da terra” miravam os de fora, os “estrangeiros” ou “maresias”, com suas bolsas a tiracolo, onde não raro traziam um cigarrinho artesanal, consumido em larga escala, sob a sombra dos coqueiros. Começava uma nova era em Saquarema.



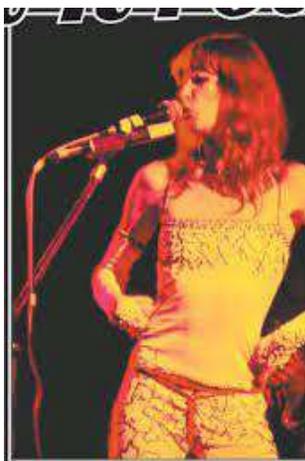
Cartaz do famoso festival “Sol Som Surf” em 1976, em Itaúna



Exemplar da primeira revista de surf no Brasil, em 1978

Com suas ondas perfeitas, a praia de Itaúna passou a ser considerada o “Maracanã do Surf”. A Brasil Surf, primeira revista brasileira de surfe, na sua edição nº 1, de março/abril de 1975, estampava um ensaio fotográfico nas famosas ondas de Itaúna e revelava, entre os convidados para o campeonato naquele ano, nomes consagrados como o do Pepê, que alguns identificavam como sendo o famoso “menino do Rio”, imortalizado na canção do compositor Caetano Veloso, embora o verdadeiro “menino do Rio” fosse outro ¹¹. Depois de seu falecimento, Pepê virou nome de um point na praia da Barra da Tijuca, no Rio, e a uma rampa de voo livre em Sampaio Corrêa, em Saquarema, hoje consagrada por mais um esporte radical: o voo livre.

Roqueiros famosos como Rita Lee, Angela Ro-Rô e Raul Seixas passaram a frequentar os festivais de rock que abalaram Saquarema, entre outros artistas da música popular: Ney Matogrosso, Eduardo Dusek, Evandro Mesquita e Banda Blitz. Serguei, lenda do rock brasileiro, permaneceu na cidade até sua morte, em 2019, tendo construído o Templo do Rock, sua casa-museu, com várias lembranças, como fotos e botas da cantora americana Janis Joplin, ícone da contracultura da época. Mas outras transformações essenciais continuariam a ocorrer em Saquarema. No final dos anos 80 e início de 90, as religiões evangélicas começam a se multiplicar na cidade, agregando milhares de adeptos que renegam todo tipo de adoração às imagens de Cristo, Nossa Senhora e santos católicos. Lentamente, os bairros começaram a ser ocupados por pequenos templos, que renegam as folias. Neste contexto, entre fazendeiros, empresários, surfistas, hippies, igreja católica e evangélicos, como preservar as folias de Saquarema? As folias só sobreviveram, graças à fé de seus foliões, enraizada há séculos no inconsciente coletivo da cidade.



Rita Lee, Serguei e Janis Joplin. Ícones de uma época

FOLIA DE REIS “ESTRELA DO ORIENTE”

A única folia de reis em Saquarema é a Folia de Reis Estrela do Oriente, de Sampaio Corrêa, conduzida pelo mestre Boca de Velho, Seu Miranda, herdeiro da folia do mestre André. Com um número pequeno de foliões, porque muitos vêm morrendo ao longo dos últimos anos sem deixar substitutos, a Folia Estrela do Oriente se chamava Estrela Dalva do Oriente até a chegada do marcador de quadrilha João da Quadrilha Asa Branca, que deu um alento ao grupo, vindo a assumir um papel de destaque. Segundo o mestre Boca de Velho, João hoje é “quem organiza tudo”¹². A Folia de Reis é uma das manifestações religiosas mais antigas do país. De origem européia, praticada na Alemanha, Itália, Bélgica, França, Espanha e em Portugal, as folias são festas dedicadas aos três Reis Magos - Belchior, Gaspar e Baltazar - que visitaram o Menino-Deus, levando ouro, mirra e incenso. “Na Península Ibérica, o Dia de Reis é a época de dar e receber presentes”, registrou Câmara Cascudo em seu Dicionário do Folclore Brasileiro¹³. As Falias de Reis são grupos de devotos que cantam nas casas, a partir da meia-noite, no dia 24 de dezembro, em jornadas noturnas, visitando famílias, cantando versos inspirados nos textos bíblicos, diante do presépio ou imagens de santos. O livro Falias de Reis Fluminenses: Peregrinos do Sagrado, de Delzimar Coutinho e Marcus Nogueira, registra: “Originadas de antigos grupos de reiseiros portugueses que cantavam Reis de porta em porta, na época do Natal, sua evolução foi de tal modo diversificada, que dificilmente se encontram duas folias iguais”¹⁴.

No Rio de Janeiro, a tradicional jornada de 12 noites, que vai do Natal ao Dia de Reis, costuma se prolongar até o dia 20 de janeiro, Dia de São Sebastião. Segundo a folclorista Cássia Frade, o estado do Rio de Janeiro é possivelmente a região mais rica em Falias de Reis “pelo menos em número e variantes desses bandos religiosos”¹⁵. No Nordeste, as jornadas das Falias de Reis podem se estender até o dia 2 de fevereiro, Dia de Nossa Senhora das Candeias. No Rio, as folias de reis, reisados, ternos ou pastoris quase sempre estão na origem dos ranchos carnavalescos que, por sua vez, originaram blocos e escolas de samba. Anésio P. Dutra, destacou o sincretismo: “Festa religiosa em que as pessoas do povo cantavam e dançavam em homenagem ao Menino-Jesus, na semana de Natal e de Reis, aqui o pastoril ganhou dinâmica própria, mas manteve o essencial de origem”¹⁶.

Trazidos pelos combatentes que no final da Guerra dos Canudos vinham da Bahia e se instalaram nos morros cariocas, os reisados, ternos e folias proliferavam na época do Natal ¹⁷. Segundo o historiador Ari Araújo, o surgimento dos ranchos no Rio de Janeiro foi por volta de 1870: “Criados, originalmente, pelos negros baianos que habitavam os bairros da Saúde, Gamboa e toda a zona do Porto até a Rua da Alfândega” ¹⁸. E o jornalista e historiador Muniz Sodré confirma que os negros de origem baiana, que habitavam a região da Pedra do Sal, atual Morro da Conceição, no final do século XIX, no Rio “herdaram características dos pastoris e ternos nordestinos” ¹⁹. Aos poucos, essas manifestações populares foram se modificando, os cortejos ganharam novos instrumentos e os ranchos substituíram “a reverência ao Deus-Menino pelo Deus-Momo” ²⁰.

Em Saquarema, é possível que um processo semelhante tenha ocorrido, porque em Sampaio Corrêa, o mesmo grupo de foliões que participa da Folia de Reis dias depois brincava no carnaval do Bloco do Morrinho, como também brincava no antigo bloco Verde e Amarelo que desapareceu. O próprio mestre Boca de Velho se orgulha de ter sido o melhor mestre-sala de Saquarema, no tempo em que era porta-bandeira a célebre Maria Helena ²¹. Portanto, traços desta conexão entre as folias, de caráter religioso, e o carnaval pagão permanecem até hoje, tanto que no carnaval os brincantes também são chamados “foliões”. Mas as Folias de Reis também têm seu lado profano, na figura do palhaço, que se mantém até hoje na maioria das folias, mas desapareceu em Saquarema.

O palhaço representa o lado diabólico, medonho, dos soldados de Herodes que perseguiram os cristãos. Também identificados com Judas e Barrabás, são vistos como diabos, com suas roupas coloridas e máscaras de peles de bichos, rosnando e fazendo grunhidos. Embora façam parte do grupo de foliões, eles não entram nas igrejas e casas onde há oratórios, presépios e imagens de santos; ficam do lado de fora, na calçada ou na rua, entrando no máximo nas varandas, jardins ou quintais. Quando acaba a apresentação da folia, o palhaço então começa sua parte, com a chula, uma dança grotesca, com saltos e voz tenebrosa, tirando versos de improviso e pedindo ao público que jogue “milho”, moedas, dinheiro, que ele guarda imediatamente no bolso.

Os palhaços remontam aos antigos *clowns* ingleses, que permaneceram nos atuais “clóvis” do carnaval suburbano do Rio, inclusive em Saquarema, apesar de cada vez mais raros. O último palhaço da Folia de Reis Estrela Dalva do Oriente, conhecido como Sérgio Reis, foi vítima de um enfarte. Era filho de outro palhaço, mas não deixou substituto, pois não tinha filhos. O mesmo ocorreu com outros foliões que desapareceram, sem

deixar sucessores. Mesmo sentindo a falta de seus companheiros, os atuais foliões sobreviveram, sob o comando do apito e do fole de oito baixos do mestre Boca de Velho. São eles: o contramestre, cantores e percussionistas que tocam e cantam acompanhados de cavaquinho e percussão: bumbos, caixas, pandeiros, caixixis (chocalhos) e agogôs. A rabeca desapareceu há anos e, recentemente, o violão, devido ao falecimento do violonista.

O principal elemento da Folia de Reis é a bandeira, uma armação de madeira revestida com papel laminado, com a imagem do Menino Deus e outros santos. Recoberta de um véu de filó, flores e fitas coloridas, a cada ano a bandeira se renova. Os donativos em dinheiro feitos pelos donos das casas visitadas pela folia e seus convidados são presos com alfinetes ou amarrados às fitas da bandeira que fica guardada no quarto da família até a hora da benção da mesa, quando a bandeira passa sobre os alimentos preparando a despedida dos foliões.

A bandeira é considerada sagrada e muitos acreditam no seu poder de fazer milagres, curas e bençãos. No giro da folia, à noite, os donos das casas preparam desde um simples café com pão, bolos e doces até uma mesa farta, onde não falta vinho. Nos últimos anos, o vinho vem sendo substituído por refrigerantes, mais baratos, e foram introduzidos salgadinhos, sanduíches, cachorro-quente e até pipoca. No final da jornada, encerramento da folia, se realiza o “remate”, um jantar oferecido pelo mestre em sua própria casa, que representa a santa ceia, com Jesus e seus apóstolos. Este sincretismo religioso também aparece em algumas apresentações da folia diante do presépio, onde é feita a distribuição de pão e vinho, simulando a comunhão.

Festa tipicamente comunitária, às vezes se realizam encontros de folias. A Divisão de Folclore do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) realizou encontros de folias de 1976 a 1985, na Praia do Russel, na Glória, em frente à gigantesca imagem de São Sebastião. Em janeiro de 2008, a Secretaria de Estado de Cultura e o Inepac, com apoio do Sesc-Rio, promoveram um novo encontro de folias nos Arcos da Lapa, também no Rio. Foram 30 grupos de folias de 11 municípios da Região Metropolitana, demonstrando a resistência das folias de reis fluminenses ²².

A Folia de Reis Estrela do Oriente, de Saquarema, fez 50 anos em 2017, e participou algumas vezes de encontros de folias no interior: três vezes em Macuco, duas em Silva Jardim, uma vez em Iguaba Grande e outra em Nova Iguaçu. Nas viagens, a Folia de Reis chegou a ganhar um pequeno apoio da secretaria municipal de Educação e Cultura de Saquarema, para o transporte dos foliões. Em outra ocasião, a Folia de Reis participou do desfile

no carnaval no Rio, junto com a Folia do Divino, a convite da escola de samba Tradição que trazia um enredo baseado em Saquarema ²³. Recentemente, a secretaria municipal de Educação e Cultura selecionou um grupo de alunos da Escola Clotilde de Oliveira Coutinho, de Sampaio Corrêa, filhos e netos de antigos foliões - para ensinar instrumentos e cantos da folia.

Na feira cultural promovida pela secretaria, em 2014, os jovens aprendizes se apresentaram junto com os veteranos foliões, na Praça Antenor de Oliveira, no centro da cidade. Foi um primeiro passo no sentido da preservação da Folia de Reis de Sampaio Corrêa, um distrito rural que hoje passa por forte transformação social, com a criação do Pólo Industrial, onde as várias fábricas empregam moradores do bairro. Em 2015, no Dia da Cultura, promovido pela Superintendência da Cultura no centro de Saquarema, os jovens foliões de Sampaio Corrêa se apresentaram na rua entre à Prefeitura de Saquarema e a Casa da Cultura Walmir Ayala.

Por outro lado, a Folia de Reis de Sampaio Corrêa também vem se aproximando lentamente da igreja católica, ao longo dos anos, tendo se apresentado na capela de Santa Edwiges, no bairro de Barra Nova e na capela de São Sebastião, no Boqueirão, com apoio do pároco, tendo se apresentado também no Centro Paroquial de Sampaio Corrêa. Mas o fato mais marcante na trajetória da Folia de Reis Estrela do Oriente foi em 2008, quando ganhou o Prêmio Culturas Populares da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura. Concorrendo na categoria de Grupos Tradicionais Informais, a Folia de Reis de Saquarema foi uma das agraciadas com o Prêmio Humberto de Maracanã, entre centenas de manifestações culturais de todo o país ²⁴.

Cultura passada de boca em boca, a Folia de Reis de Sampaio Corrêa tem como porta-bandeira ou porta-estandarte uma mulher - Jurema - que substituiu um “bandeireiro” da antiga folia do mestre André, cozinheiro da antiga Usina Santa Luíza. Naquela época, a Folia de Reis tinha muitos foliões e prestígio, visitando inúmeras casas, mas hoje corre o risco de extinção. Antes que isto acontecesse, seria preciso preservar a Folia de Reis Estrela do Oriente, de Saquarema, que faz parte da história e da identidade cultural do município, em especial de Sampaio Corrêa, antigo distrito rural.



FOLIA DE REIS “ESTRELA DO ORIENTE” NA FEIRA DE CULTURA, PROMOVIDA NO CENTRO DE SAQUAREMA.





Mestre Boca de Velho e sua sanfona de oito baixos

O giro da tradicional Folia de Reis “Estrela do Oriente”



Abaixo, entrada da casa do mestre Boca de Velho, com parte dos foliões e familiares, a maioria crianças, se preparando para o “giro” da folia

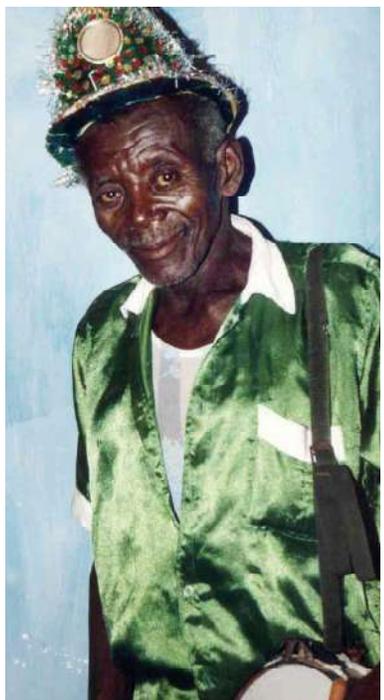




O tradicional palhaço que acabou desaparecendo e não foi substituído



O apito é a marcação básica da folia



A bandeira da Folia de Reis é refeita todos os anos





O pequeno altar construído na casa do Mestre Boca de Velho, depois que a Folia de Reis não pode mais participar da Missa do Galo na igreja de Sampaio Correa



A bandeira Jurema, uma das mais devotas foliãs



A bandeira Dona Jurema e o mestre Boca de Velho



Folia de Reis em Barra Nova com o casal Dulce e Edmilson no centro



Folia de Reis na casa de Dulce e Edmilson, com a presença de Maria Prestes



O Mestre Boca de Velho, a foliã Noêmia e o contramestre Adauto



Os festejos da Folia de Reis se encerram com o “Remate”, um banquete comunitário, geralmente na casa do Mestre Boca de Velho, feito por Dona Maria, esposa do Boca, e suas filhas





O palhaço, uma moradora de Sampaio Corrêa e o mestre Boca de Velho que se chamava Edilson Miranda



O palhaço que faleceu precocemente em acidente no Porto da Roça



Noêmia, percussionista e líder do Bloco do Morrinho na Basílica



Violonista e contramestre da Folia de Reis Estrela do Oriente

A RESISTÊNCIA DA FOLIA DO DIVINO

Dois autores locais consideram que a Folia do Divino existe em Saquarema pelo menos desde 1769, data em que foi inaugurado o “Império”, um coreto em frente à Praça Oscar de Macedo Soares, principal praça da cidade. Autor do livro *Minha Terra Saquarema*, Darcy Bravo considera que a Folia do Divino foi introduzida pelo padre Antonio Moreira e a primeira festa foi presidida pelo fazendeiro Tomaz Cotrim de Carvalho que construiu o “Império”, doado para a igreja junto com vários objetos litúrgicos: a coroa de prata, o resplendor do Divino Espírito Santo, o bastão com uma pombinha de prata e indumentárias diversas.

Considerado uma verdadeira “reliquia” pelo jornalista Alexandre Dias, em seu livro *Saquarema (Sua gente, sua história)*, o “Império” ainda não foi tombado pelo município e nem pelo Inepac, podendo desaparecer a qualquer momento, diante da força devastadora da expansão imobiliária local, principalmente no centro histórico de Saquarema, um município emancipado em 1841, mas cujas referências históricas datam do século XVI²⁵. Outro benfeitor da Folia do Divino foi o coronel José Pereira dos Santos, o Barão de Saquarema, que doou o prédio da antiga Câmara de Saquarema, que funcionou como Prefeitura e Câmara Municipal e hoje abriga a Casa da Cultura Walmir Ayala. O barão doou também objetos à antiga Irmandade do Santíssimo Sacramento, hoje desaparecida²⁶.

A Irmandade de Nossa Senhora de Nazareth, que absorveu a Folia do Divino depois da extinção da Irmandade do Santíssimo Sacramento, vem resgatando o ritual, inclusive o levantamento do mastro que desfila na cidade, duas semanas antes do Dia de Pentecostes, permitindo também a tradicional “Benção da Farinha”, feita pelos foliões. Praticada antigamente em outros municípios, inclusive Paraty, a “Benção da Farinha” resta agora apenas em Saquarema, aonde quase chegou a desaparecer. Quem registrou a “Benção da Farinha” em 1977 foi a jornalista Vera de Vives, então diretora-adjunta do Museu de Artes e Tradições Populares, do Rio. Na ocasião, a benção foi feita pelo poeta saquaremense José Bandeira, cuja foto se encontra no livro *O homem Fluminense*, da Secretaria Estadual de Educação e Cultura/Estado do Rio de Janeiro. “Em Saquarema, a folia do Divino procede a uma solenidade especial e típica daquele município: a benção da farinha de mandioca”, explica Vera. “Na mesa, coberta com toalha vermelha, o mestre distribui em montículos, que reproduzem a imagem da cruz, farinha de mandioca preparada naquele ano”, continua a descrição. “Os montículos de farinha são cinco, à imagem das Chagas de Cristo”, explica a jornalista²⁷.

Originária das festividades da colheita, da Antiguidade Clássica, a Folia do Divino no Brasil é uma festa cujas raízes se encontram em Portugal. Conta a lenda que a rainha católica Isabel de Aragão, esposa de D. Diniz, costumava dar pão aos pobres, contrariando seu marido. Um dia, a rainha foi pega em flagrante com pães escondidos num lenço, mas mentiu ao rei dizendo que eram flores. Mas ao abrir o lenço, os pães tinham se transformado efetivamente em flores e o fato foi considerado um milagre ²⁸. Devota do Divino Espírito Santo, a rainha Isabel entregou seu cetro e coroa à igreja. Daí a tradição da sala do Império, um local ornamentado onde ficavam a imagem do Divino, o imperador, o cetro e a coroa.

Na época das grandes descobertas, as festas do Divino foram difundidas nas colônias. Segundo Câmara Cascudo, D. João III teria sido o grande propagador do culto ao Espírito Santo em todo reino ²⁹. As primeiras referências ao Divino no Brasil datam do século XVIII, em Minas Gerais, São Paulo e Bahia. O Divino era tão forte na época que foi determinante na vida política brasileira quando, em 1822, o ministro José Bonifácio de Andrade e Silva, Patriarca da Independência, sugeriu o título de “Imperador” em vez de “Rei” a D. Pedro I. O motivo era que o povo estava mais habituado com a palavra “Imperador”, devido às festas do Divino, do que com “Rei” ³⁰.

Com presença marcante no Brasil Imperial, em certas localidades a Folia do Divino tinha o poder de libertar um preso durante a festa. Em Saquarema, também tornou-se costume doar alimentos ao Instituto Madre Maria das Neves, que atende crianças carentes ³¹. Em 1988, a Festa do Divino teve como festeiro Casimiro Vignoli, que escreveu um arranjo da música Bandeira do Divino, de Ivan Lins e Vitor Martins, para a Banda de Música Lira de Nossa Senhora de Nazareth, executada até hoje. Membro da Irmandade de Nazareth, Casimiro não só introduziu a música no repertório da banda, como também publicou um folheto com a letra da música e a programação da festa. No programa oficial, consta “Alvorada” com foguetes e repicar de sinos, procissão do “Quadro do Divino”, “Missa Solene”, retreta da banda, leilão de animais e outras atividades ³². No período que antecede o Pentecostes, um grupo de foliões com a bandeira do Divino percorre casas, ruas e bairros em busca de doações.

Hoje, com apoio da igreja, o Divino ainda mantém o Quadro do Império com o Imperador-Menino, as princesas e acompanhantes, além do cetro e coroa de prata, um estandarte antiquíssimo, entre outros elementos tradicionais. Na procissão, os foliões se revezam com a banda de música da cidade. Mesmo reduzida, a Folia do Divino impressiona por sua majestade. O Menino-Imperador, por exemplo, veste o tradicional terno de veludo verde e porta na mão o cetro com a pombinha de prata. No coro, os foliões também mantêm a tradição das crianças cantando com suas vozes estridentes. Assim passa o costume de geração em geração, embora a

presença de um cabrito que acompanhava o desfile tenha desaparecido. O jornalista Alexandre Dias registrou as restrições feitas por um pároco local, há anos, às festividades do Divino “face ao despreparo religioso de muitos dos que nelas se engajam, pensando estarem, com o simples movimento de ‘bandeirinha pra lá e do cabritinho pra cá’, cumprindo o seu tradicional e místico ritual”³³.

Nos anos 80, interferências no rito da folia quase fizeram desaparecer a “Benção da Farinha”. Mas a partir do ano 2000, a Festa do Divino começou a ser resgatada por jovens da própria Irmandade que conseguiram apoio da Secretaria Municipal de Cultura para realizar um tradicional café da manhã na casa da saudosa Dona Romilda. Com comidas típicas da roça, o bolo de aipim, o pão doce, geleias, frutas e sucos, o café foi servido não só aos músicos da banda, como é de costume, mas a dezenas de pessoas convidadas, no quintal da casa de onde saiu a Procissão do Divino rumo à igreja matriz de Nossa Senhora de Nazareth³⁴.

Apesar do crescimento que transformou Saquarema, nos últimos anos, a festa do Divino permaneceu, inclusive com o almoço comunitário oferecido pela Irmandade de Nossa Senhora de Nazareth, que distribui mais de uma centena de refeições aos devotos que participam da folia. Também o ritual da “Benção da Farinha” foi mantido pelos foliões, praticado em uma mesa na rua, próxima ao Salão Paroquial e ao próprio Império do Divino. A benção é feita pelo festeiro do ano que dobra as pontas da toalha formando uma capelinha. Na ocasião, há também distribuição de pão e suco de uva, simbolizando o vinho.

A Folia do Divino é uma festa de agradecimento revigorada pela fé. Ao contrário da Folia de Reis, que resiste graças ao esforço isolado de seus foliões, a Folia do Divino superou momentos muito difíceis e hoje está em fase de restauração, com apoio da Irmandade, da igreja católica. Já no caso da Folia de Reis, somente duas capelas - a de Santa Edwiges, no bairro de Barra Nova, e a de São Sebastião, no Boqueirão - abriram as portas para os foliões.

A apresentação da Folia de Reis na capela de Santa Edwiges, há anos, foi promovida pela Associação de Moradores e Amigos de Barra Nova (AMA-Barra Nova) e contou com a presença de um ex-prefeito de Saquarema, nascido e criado em Sampaio Corrêa, que doou um acordeão ao mestre Boca de Velho. Outra apresentação da Folia de Reis também numa igreja foi na capela de São Sebastião, autorizada pelo pároco, que permitiu que os foliões fizessem uma homenagem, no dia 20 de janeiro. Mas a Folia de Reis ainda se ressentia de não poder entrar na igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Sampaio Corrêa, onde segundo relatos, eram saudados antigamente pelo próprio Padre Manoel, que abria as portas para receber os foliões³⁵.



O “Império do Divino” guarda no coreto, durante a festa, o centenário tambor



Símbolos históricos: a pombinha bicentenária de prata portuguesa e o estandarte do Divino

O DIVINO ESTÁ EM SAQUAREMA



**VAMOS
COMEMORAR**
22 de MAIO

PROGRAMAÇÃO

22 de MAIO de 1988

DOMINGO DE PENTECOSTES

6 HORAS

Alvorada com a Banda de Música Lira Nossa Senhora de Nazareth, espoucar de foguetes e repicar de sinos.

10 HORAS

Procissão do Quadro do Divino até o Santuário de Nossa Senhora de Nazareth onde será celebrada Missa Solene.

11 HORAS

O Quadro do Divino seguirá até o Império onde o Festeiro e a Juíza acolherão os devotos com promessas e prendas oferecidas ao Divino Espírito Santo.

11 h 30 min

Início dos batizados pelo padre Ademir Pimentu.

15 h 30 min

Na Praça Oscar de Macedo Soares, a Banda de Música Lira Nossa Senhora de Nazareth inicia a retreta que se prolongará até as 22 horas.

16 HORAS

Começa o leilão de animais, aves e variadas prendas de oferendas dos devotos ao Divino Espírito Santo.

21 HORAS

Sorteio dos nomes do Festeiro e da Juíza para 1989.

FESTEIRO
Casimiro Velloso Vignoli

JUIZA
Maria Célia Lima Ferreira

BANDEIRA DO DIVINO

IVAN LINS – VITOR MARTINS

- 1 – Os devotos do Divino
Vão abrir sua morada
Pra bandeira do menino.
Ser bem-vinda, ser louvada
- 2 – Deus vos salve, esse devoto
Pela esmola em vosso nome
Dando água a quem tem sede
Dando pão a quem tem fome.
- 3 – A Bandeira acredita
Que a semente seja tanta
Que essa mesa seja farta
Que essa casa seja santa
- 4 – Que o perdão seja sagrado
Que a fé seja infinita
Que o homem seja livre
Que a justiça sobreviva.
- 5 – Assim como os três reis magos
Que seguiram a estrela guia
A Bandeira segue em frente
Atrás de melhores dias
- 6 – No estandarte vai escrito
Que ele voltará de novo
E o rei será bendito
Ele nascerá do povo.

SUPERMERCADO BACAXÁ

Rua Francisco Fonseca 386 – BACAXÁ

Rua Barão de Saquarema 365
Telefone (0246) - 512234 – SAQUAREMA

GIL MODAS

Rua Francisco Fonseca 383
Telefone (0246) - 652391

BACAXÁ – SAQUAREMA

Folheto feito pelo Sr. Casimiro Vignoli



A emblemática coroa de prata nas mãos do Jorginho da Bandeira



Procissão do Mastro da Folia do Divino em frente ao Centro Social Madre Maria das Neves



O belo estandarte da procissão, com as princesas que fazem parte da corte do imperador na Folia do Divino



O padre Jorge com os membros da "corte" do Divino



A bandeira e Arturzinho com a coroa de prata Portuguesa



No cortejo, os foliões cantam ao som do tambor e coral do grupo dos foliões que se reveza com a banda da cidade



Principais instrumentos da folia: violão e tambor



Grupo de foliões com a sagrada bandeira do Divino



O mastro da festa do Divino percorre as principais ruas do centro nos ombros dos foliões e é colocado ao lado da igreja, antecipando os festejos do Divino



AS FOLIAS COMO FATOR DE IDENTIDADE

Se a Folia do Divino vem encontrando um caminho para sua sobrevivência, com o apoio da igreja católica, a Folia de Reis sobreviveu numa luta contra o tempo, devido à idade avançada de seus integrantes. Proibidas de participar da Missa do Galo na igreja de Sampaio Corrêa, em apenas uma ocasião, a Folia de Reis foi recebida no Centro Paroquial, ao lado da igreja de Nossa Senhora da Conceição, mas o evento foi esvaziado, com poucos membros da comunidade católica presentes. Esta apresentação teve o apoio da Associação das Mulheres Empreendedoras Acontecendo em Saquarema, a AMEAS, que levou uma cesta de frutas e uma bandeira estilizada, que o Mestre Boca de Velho guardou na sua casa, na Basiléia, até se mudar para o centro de Sampaio Corrêa.

Enquanto a Folia de Reis viu seu prestígio minguar, paralelamente à perda de seu espaço junto à igreja católica, no distrito de Sampaio Corrêa, a Folia do Divino vem se firmando. O apoio da Irmandade de Nossa Senhora de Nazareth à Folia do Divino garante de certa forma a sua sobrevivência. Já a Folia de Reis foi se afastando cada vez mais dos bairros centrais do município, até mesmo da praça principal de Sampaio Corrêa, limitando-se à periferia, na Basiléia, e a poucos bairros.

As Folias de Saquarema são parte da identidade cultural do município que vive uma fase de grandes transformações. O distrito de Sampaio Corrêa, outrora capital agrícola de Saquarema, hoje é sede de um Pólo Industrial. O centro de Bacaxá, onde existia uma estação de trem, tornou-se o mais importante centro comercial do município, que perdeu o ar bucólico que tinha para assumir a aparência de uma pequena cidade em expansão, com prédios despontando na principal avenida. Mas Saquarema manteve suas duas folias enquanto pode, pelo encanto que exerceram em todos que participavam e participam da festa: foliões, devotos e turistas.

A Folia de Reis, com sua bandeira de fitas coloridas, percorreu as ruas de Sampaio Corrêa, embora já não sendo aceita em casas de famílias evangélicas. Amparada pela Irmandade, a Folia do Divino, conseguiu manter a secular “Benção da Farinha”. O próprio Império do Divino - um coreto que data do século XVIII - foi poupado da destruição do casario colonial do centro de Saquarema e ainda permanece em frente à praça principal. Neste contexto, as folias são faces do patrimônio imaterial que sobrevive num município que recebe cada vez mais uma enxurrada de novas tendências.

A Folia de Reis Estrela do Oriente resistiu até onde pôde e saiu às ruas sempre que foi requisitada, levando sua mensagem de fé. Com um destino mais ameno, os foliões do Divino ainda sobem a escadaria da igreja matriz e, no alto do outeiro, encontram o vento que sopra do mar, acalentando as dores do dia a dia.

A FOLIA DO DIVINO EM 2022, MANTENDO SEU ESPLENDOR



NOTAS DE RODAPÉ

1. Mattos, Ilmar Rohloff de. O tempo Saquarema. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 118 e 119.
2. Pimentel, Célio. Estrada de Ferro Maricá. Araruama: Editora Hora Certa, 2015. p.53.
3. VELHO, Boca de. [Entrevista]. 2016. Entrevista concedida a Dulce Tupy Caldas, em 21/02/2016, na cidade de Saquarema - RJ.
4. Silva, Affonso M. Furtado da. Reis magos: história, arte, tradições. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006. p.15.
5. Cascudo, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro: Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. p. 336.
6. Moura, Carlos Francisco. A expedição Langsdorff em Mato Grosso - Mato Grosso: Imprinta/ Universidade Federal de Mato Grosso, 1984. p.58.
7. Souvenir. Lembrança do Brasil. Ludwig and Briggs. Introdução de Lygia da Fonseca. F. da Cunha. Rio de Janeiro: Sedegra. p.87.
8. VELHO, Boca de. [Entrevista]. 2016. Entrevista concedida a Dulce Tupy Caldas, em 21/02/2016, na cidade de Saquarema - RJ.
9. BANDEIRA, Jorginho. [Entrevista]. 2016. Entrevista concedida a Dulce Tupy Caldas, em 28/02/2016, na cidade de Saquarema - RJ.
10. APB - Agricultura e Pecuária Brasileira Revista. Ano VIII - N° 33 - 1975. São Paulo: Gráfica e Editora Tertúlia Ltda. p.2 a p.5
11. Brasil Surf - Ano 1 - n° 1 - mar/abr 75. Rio de Janeiro: Empresa Editorial Tema Ltda. p. 10, p. 11 e p.28.
12. VELHO, Boca de. [Entrevista]. Entrevista concedida a Dulce Tupy Caldas, em 21/02/2016, na cidade de Saquarema - RJ.
13. Cascudo, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro: Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. p. 668.
14. Folias de Reis Fluminenses: Peregrinos do Sagrado/organização: Delzimar do Nascimento Coutinho, Marcus Antonio Monteiro Nogueira. Rio de Janeiro: Inepac, 2009. p.9

15. Frade, Cássia. Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Assuntos Culturais/Fundação Nacional de Arte-Funarte/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1979.p.41.
16. Dutra, Anésio Pereira. Ranchos: estilo e época. Rio de Janeiro. Secretaria de Estado de Ciência e Cultura, Inepac, 1985.p.9.
17. Diniz, André. Almanaque do samba: A história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro. Zahar, 2010. p.102.
18. Araújo, Ari. Expressões da cultura popular: as escolas de samba do Rio de Janeiro, um episódio antropofágico e Erika FranciskaHerd. O amigo da madrugada, o fenômeno Adelzon Alves: Petrópolis-RJ, Vozes/SEEC, 1978. p.47.
19. Sodré, Muniz. Samba o dono do corpo: Rio de Janeiro, Editora Codecri, 1979. p.30.
20. Dutra, Anésio Pereira. Ranchos: estilo e época. Rio de Janeiro. Secretaria de Estado de Ciência e Cultura, Inepac, 1985.p.9.
21. VELHO, Boca de e BRANCA, João da Quadrilha Asa. [Entrevista]. Entrevista concedida a Dulce Tupy Caldas, em 21/02/2016, na cidade de Saquarema - RJ.
22. Folias de Reis Fluminenses: Peregrinos do Sagrado/organização: Delzimar do Nascimento Coutinho, Marcus Antonio Monteiro Nogueira. Rio de Janeiro: Inepac, 2009. p.28.
23. VELHO, Boca de e BRANCA, João da Quadrilha Asa. [Entrevista]. Entrevista concedida a Dulce Tupy Caldas, em 21/02/2016, na cidade de Saquarema - RJ.
24. Folheto da Folia de Reis Estrela do Oriente.2008.
25. Dias, Alexandre. Saquarema (Sua gente, sua história). Volume 1: Saquarema, Edição do Autor, 1974. p. 61.
26. Bravo, Darcy. Minha Terra. Saquarema: Edição póstuma da família, 1979. p.59.
27. O homem fluminense: Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro / Museu de Arte e Tradições Populares: Rio de Janeiro, 1977. p.93.

28. Vieira, Nana. O Divino em festa: São Luiz do Paraitinga. São Paulo: Terra Virgem, 2008. p.20.
29. Cascudo, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro: Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. p. 294.
30. Mattos, Ilmar Rohloff de. O tempo Saquarema. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 94.
31. BANDEIRA, Jorginho. [Entrevista]. 2016. Entrevistas concedida a Dulce Tupy Caldas, em 28/02/2016, na cidade de Saquarema - RJ.
32. Folheto da Festa do Divino. 22 de maio de 1988.
33. Dias, Alexandre. Saquarema (Sua gente, sua história), Volume 2. Saquarema: Edição do autor, 1991. p17.
34. AZEREDO, Otávio. [Entrevista]. Entrevista concedida a Dulce Tupy Caldas, em 22/02/2016, na cidade de Saquarema - RJ.
35. VELHO, Boca de e BRANCA, João da Quadrilha Asa. [Entrevista]. Entrevista concedida a Dulce Tupy Caldas, em 21/02/2016, na cidade de Saquarema - RJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS

BRAGA, Roberta Santana e KAMIMURA, Ana Lúcia Martins. A importância da Folia de Reis como tradição identitária do Município de Canápolis-MG. Revista Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 277-286, 2010.

DUTRA, Anésio Pereira. Ranchos: estilo e época. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Ciência e Cultura/Inepac, 1985. 31 p.

LOBO, Tereza Caroline e CURADO, João Guilherme Trindade. As Folias do Divino em Pirenópolis, Goiás: Memória, Cultura e Patrimônio. Revista Geonordeste, São Cristóvão, Ano XXVI, n.2, p.75-86, ago./dez. 2015.

LIVROS

ARAUJO, Ari. Expressões da cultura popular: as escolas de samba do Rio de Janeiro, um episódio antropofágico e HERD, Erika Franciska. O amigo da madrugada, o fenômeno Adelzon Alves: Petrópolis, Vozes/SEEC/Instituto Estadual do Livro, 1978. 160 p.

AZEVEDO, Téo. A Folia de Reis no Norte de Minas & Vale do Jequitinhonha. Montes Claros: Edição do Autor, 2007. 150 p.

BRAVO, Darcy. Minha Terra. Saquarema: Edição póstuma, 1979. 116 p.

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro: Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. 812 p.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes. Lembrança do Brasil, Ludwig and Briggs: Rio de Janeiro: Sedegra, sem data. 94 p.

DIAS, Alexandre. Saquarema (Sua gente, sua história), Vol. 1. Saquarema: Edição do autor, 1974. 99 p.

DIAS, Alexandre. Saquarema (Sua gente, sua história), Vol. 2. Saquarema: Edição do autor, 1991. 80 p.

DINIZ, André. Almanaque do samba: A história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 273 p.

FRADE, Cássia. Folclore Brasileiro/Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Funarte, 1979. 116 p.

MATTOS, Ilmar Rohloff de, O tempo Saquarema. São Paulo: Hucitec, 2004. 312 p.

MOURA, Carlos Francisco. A expedição Langsdorff em Mato Grosso - Mato Grosso: Imprinta/Universidade Federal de Mato Grosso, 1984. 109 p.

PIMENTEL, Célio. Estrada de Ferro Maricá. Araruama: Editora Hora Certa, 2015. 86 p.

SILVA, Affonso M. Furtado da. Reis magos: história, arte, tradições. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006. 236 p.

SODRÉ, Muniz. Samba o dono do corpo. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1979. 74 p.

VIEIRA, Nana. O Divino em festa: São Luiz do Paraitinga. São Paulo: Terra Virgem, 2008. 144 p.

Folias de Reis Fluminenses: Peregrinos do Sagrado: organização: Delzimar do Nascimento Coutinho, Marcus Antonio Monteiro Nogueira. Rio de Janeiro: Inepac, 2009.

O homem fluminense: Coordenação Vera de Vives. Rio de Janeiro: Fundação Estadual de Museus / Museu de Arte e Tradições Populares, 1977.

ANAIS DE CONGRESSOS

Goulart, Rafaela Sales. Por uma consciência de Patrimônio Cultural: reflexões sobre os sentidos da folia de reis de Florínea/SP. in. XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27 a 31 de julho de 2015. Florianópolis-SC.

PERIÓDICOS

ABP - Agricultura e Pecuária Brasileira Revista. Ano VIII - Nº 33, 1975. São Paulo: Gráfica e Editora Tertúlia Ltda. p. 2 e 3.

Brasil Surf - Ano 1 - nº 1 - mar/abr 75. Rio de Janeiro: Empresa Editorial Tema Ltda. p. 10 e 11 e p. 28.

Jornal O Saquá, Saquarema - RJ: Tupy Comunicações S/C Ltda.

Edição nº 8, p 11, fev 2001.

Edição nº 12, p 8, jun 2001.

Edição nº 15, p 11, set 2001.

Edição nº 23, p 4, mai 2002.

Edição nº 48, p 8 e 9, jun 2004.

Edição nº 60, p 8, jun 2005.

Edição nº 63, p 7, set 2005.

Edição nº 79, p 4, jan 2007.

Edição nº 80, p 15, fev 2007.

Edição nº 85, p 11, jul 2007.

Edição nº 88, p 3, out 2007.

Edição nº 104, p12, jan 2009.

Edição nº 105, p 7, fev 2009.

Edição nº 109, p 11, jun 2009.

Edição nº 112, p 7, set 2009.

Edição nº 115, p 7, dezembro 2009.

Edição nº 116, p 5, jan 2010.

Edição nº 121, p 15, jun 2010.

Edição nº 129, p 15, janeiro 2011

Edição nº 133, p 3, mai 2011.

Edição nº 133, p 18, mai 2011.

Edição nº 134, p 2, jun 2011.

Edição nº 134, p 14, jun 2011.

Edição nº 135, p 2, jul 2011.

Edição nº 135, p 11, jul 2011.

Edição nº 145, p.13, jun 2012.

Edição n° 149, p 5, set 2012.
Edição n° 158, p 7, mai 2013.
Edição n° 161, p 10, jul 2013.
Edição n° 164, p 8 e 9, out 2013.
Edição n° 166, p 7, dez 2013.
Edição n° 167, p 6, jan 2014.
Edição n° 174, p. 6 e 7, jun 2014.
Edição n° 179, p 3, nov 2014.
Edição n° 185, p 9, mai 2015.
Edição n° 186, p 5, mai 2015.
Edição n° 187, p 5, jun 2015.
Edição n° 188, p 5, jul 2015.
Edição n° 194, p 6 e 7, jan 2016.
Edição n° 212, p. 06 e 07, mai 2017
Edição n° 225, p. 03, jun 2018
Edição n° 236, p. 03, mai 2019
Edição n° 238, p.03 , jul 2019
Edição n° 249, p. 05, jun 2020
Edição n° 256 , p. 04 e 05, jan 2021
Edição n° 261, p. 06, jun 2021
Edição n° 267, p. 7 , dez 2021
Edição n° 269, p. 5 , mar 2022
Edição n° 273, p. 3, jun 2022

À GUISA DE PÓS-FÁCIO

Esse livro impresso agora, em 2022, graças ao Prêmio Aldir Blanc II da Secretaria Municipal de Cultura de Saquarema, começou a ser escrito desde o dia que vi pela primeira vez as folias de Saquarema, entre outras manifestações religiosas locais, como as festas juninas, além da procissão de Corpus Christi, todas de grande impacto popular. Na primeira versão, totalmente on line, o e-book Folias de Saquarema: dois aspectos da cultura popular foi visto por muito admiradores dessa temática que venho estudando ao longo dos anos, desde antes da publicação do meu livro Carnavais de Guerra, o nacionalismo no samba, editado pela ASB Editora, no Rio de Janeiro, em 1985, hoje esgotado, que tornou-se uma referência sobre o assunto e base para outras pesquisas posteriores, inclusive alguns trabalhos acadêmicos.

Assim como o anterior, este não é um trabalho acadêmico e sim uma pesquisa jornalística, numa linguagem simples e direta, onde também se inclui uma iconografia potente, com fotos e ilustrações. Sendo assim, não contém todas as notas de rodapé possíveis, só as necessárias, nesta versão impressa, com um forte conteúdo emocional. Confesso que foi a paixão que me levou ao universo das Folias de Saquarema: a Folia do Divino e a Folia de Reis.

Agradeço a premiação que me possibilitou essa publicação, que também ficará disponível como e-book no site da Tupy Comunicações: tupycomunica.com. Ainda devo agradecer o empenho da Secretaria de Cultura, na pessoa do secretário Manoel Vieira, que me incentivou desde que nos conhecemos no ano passado. Agradeço ainda a minha filha Lia Caldas e a meu marido Edimilson Soares, que sempre me acompanharam nas pesquisas que fiz, seja fotografando, seja dando sugestões nos textos finais, seja me acompanhando na apresentação do meu TCC (Trabalho de Conclusão do Curso) na Biblioteca Parque, no Rio, seja dando boas sugestões para a edição do livro ou apenas expressando boas energias...

Finalmente agradeço a toda a equipe que me acompanhou nesse sonho meu: o designer Thadeu de Moraes, o diagramador Ronan Conde e os fotógrafos que me acompanharam sempre que precisei, além do meu marido Edimilson, meu amigo Paulo Lulo e minha filha Lia, fontes de solidariedade e alegria. As Folias de Saquarema são um capítulo à parte na minha vida. Certa vez, o saudoso e grande museólogo e professor de história da arte da UFRJ, Mário Barata, que tinha uma casa ao lado da minha, em Barra Nova, participou junto com Edimilson de um arremate da Folia de Reis, na Basiléia, em Sampaio Corrêa. Por estar adoentada, não pude ir. Quando voltaram, já tarde da noite, falavam alto e irradiavam uma energia tão positiva, que eu me arrependi de não ter ido! Era como se eles tivessem visto algo que eu jamais veria, mesmo tendo ido outras vezes também, em outros anos, nos arremates da Folia de Reis. Porque cultura popular é assim; não se repete! Sempre é uma experiência nova que transcende a anterior. Sempre uma nova folia, para quem tem olhos para ver e coração batendo forte, no ritmo da percussão, para sentir. Muitas vezes é apenas um arrepio na espinha e uma lágrima no canto dos olhos. Tudo muito significativo!

Dulce Tupy



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

